

***Os usos da retórica na defesa da República de Florença pelo chanceler******CollucioSalutati******Fabrina Magalhães Pinto<sup>1</sup>******1) Apresentação***

A retomada da *arsrhetorica* na Renascença italiana e do Norte da Europa, entre os séculos XIV e XVII, trouxe de volta da Antigüidade clássica a célebre querela entre os domínios da retórica e da filosofia, tomando o *De oratore* de Cícero e o *Institutiooratoria*, de Quintiliano, como os textos mais importantes no tratamento desta questão. Uma compreensão mais detalhada de suas ideias acerca da retórica e de sua revalorização frente à filosofia é essencial para os estudos que desejam rastrear o percurso da tradição retórica na Antiguidade, bem como seu trajeto posterior na Idade Média e no Renascimento. A importância destes autores durante séculos da história intelectual do Ocidente associou-se ao seu papel mediador, relevantes não só por retomarem e reproduzirem as discussões acerca dos rumos da retórica antiga, mas também por conformarem e confrontarem tal tradição às novas condições de seus tempos; síntese imprescindível para que esta disciplina continuasse a ser transmitida significativamente até o Renascimento.

A decadência do latim ao longo dos séculos, com o fim do Império romano, foi determinante para o empenho apaixonado dos primeiros humanistas na retomada da pureza da língua clássica e dos exemplos contidos nos melhores autores, ávidos em vivificar e imitar seu estilo e eloquência. Deste modo, muitos humanistas atenderam ao preceito fundamental do *De oratore*: a necessidade da união entre retórica e filosofia, entre eloquência e saber, para a formação do orador. Cícero advoga nesta obra por um equilíbrio perfeito entre a elocução e o conhecimento exato e completo das coisas; pois, uma sem a outra apenas atrairia para o orador o riso do auditório. Essa premissa tornou-

---

<sup>1</sup> Professora Adjunta de História Moderna da Universidade Federal Fluminense - UFF. Doutora em História pela PUC-RJ.

se fundamental para humanistas como Petrarca, ColuccioSalutati, Leonardo Bruni, Lorenzo Valla, Erasmo de Rotterdam, entre tantos outros, que partilharam a confiança extrema nos poderes da eloquência e nas capacidades intelectuais e criativas do homem para a defesa do bem público.

O trabalho aqui proposto pretende analisar, a partir da tradição clássica, o estabelecimento na Renascença de novas relações entre retórica e filosofia, e o caminho que permitiu à retórica constituir-se novamente não só como o principal instrumento para a aquisição de uma cultura geral, mas ainda para a construção de uma nova atitude cívica para a defesa da república de Florença, sobretudo em fins do século XIV, objeto de pesquisa deste texto. São, portanto, duas as questões que pretendemos desenvolver: (1) Perceber a influência da retórica clássica de Cícero na *Invectiva in AntoniumLuschumVicentinum*”, escrita pelo então chanceler florentino ColuccioSalutati, em 1399 e, (2) Considerar o surgimento e o apogeu de uma nova *arsrhetoricarenascentista*, desenvolvida exclusivamente para o cenário político das repúblicas italianas.

A partir de uma análise cuidadosa desta carta torna-se possível compreender as bases do sistema republicano florentino, bem como o desenvolvimento do humanismo cívico – que tinha como um dos seus pressupostos centrais a participação direta do homem no mundo político, tal como postulado pelo orador romano Cícero, em obras como o *Dos Deveres* e *Da Oratoria*– e, ainda, a recuperação das técnicas retóricas oriundas da Antiguidade Clássica como base para a defesa das repúblicas italianas formadas já a partir do século XII, como ressaltam os estudos de Hans Baron, Quentin Skinner, Eugenio Garin, Newton Bignotto, entre tantos outros. Assim, a disputa retórica não poderia estar pautada apenas na vaidade, ou ainda nobel prazer erudito na vitória de um debate político – como criticava Platão, por exemplo, em obras como o *Górgias* - sua significação era maior, pois a retórica era utilizada nesse contexto como uma ferramenta de defesa da sua cidade, como arma política contra a tirania (ou seja, o governo de um só, em vez do governo de muitos) e a perda da liberdade política em um momento em que querelas internas e externas assolavam o solo florentino.

Para analistas como Hans Baron (em *A crise do Renascimento italiano*, de 1955), J. G. A Pocock (El Momento Maquiavélico) e Newton Bignotto (em *Origens do*

*Republicanism Moderno*, de 2001), o retorno de chanceleres republicanos como Salutati às fontes clássicas, aos valores cívicos e a retórica de basesobretudo ciceroniana, representaria uma clara ruptura com o pensamento medieval. Segundo eles, o significado político dos escritos de homens como Salutati, Leonardo Bruni e outros teriam uma relevância inestimável para o pensamento republicano dos séculos XV e XVI. É neste sentido que procuramos analisar a carta de Salutati: “*Invectiva in AntoniumLuschumVicentinum*”, pois acreditamos que surge aí com os humanistas italianos uma nova teoria sobre a vida pública aliada a uma nova forma de se enxergar a cidade e o próprio homem, posto que mais consciente de seu papel no mundo, o valor tradicionalmente atribuído à contemplação foi abandonado.

## 2) A presença de Cícero

“Que há de mais agradável para o espírito e para o ouvido do que um discurso ornado, embelezado pela sabedoria dos pensamentos e pela nobreza das expressões? Que há de mais poderoso, que há de mais magnífico do que poder um homem afetar os movimentos do povo, os escrúpulos dos juízes e a gravidade do Senado, por meio da oratória?” (Cícero, *De oratore*, I, VIII, 31)

Uma das declarações mais influentes de que o poder do orador estava justamente em aliar a razão à eloquência, talvez seja ainda a que é fornecida por Cícero nas primeiras páginas de seu *De oratore*, de 55 a.C, onde o autor romano procura recuperar o estudo das questões filosóficas, então restritas apenas aos sábios, para complementar o ofício do orador<sup>2</sup>. Nesta obra está presente uma das afirmações mais decisivas e influentes dessa tradição: a de que o poder do orador está justamente em aliar a razão à eloquência, ou ainda, filosofia e retórica. Para o autor, “ninguém pode florescer e sobressair-se na eloquência, não só sem a doutrina do dizer (*doctrina*), mas ainda sem uma inteira sapiência (*sapientia*).”<sup>3</sup> É importante notar que o termo *sapientia*, tradução latina do termo grego *philosophia*, é utilizado por Cícero nesta passagem do *De oratore*

<sup>2</sup>Cícero. CÍCERO. *De l'Orateur*. Paris: Les Belles Letres, 2002, livro I, XIII, 56-57.

<sup>3</sup>Cícero, *De L'Orateur*, livro II, introdução, II, 5.

com a intenção de unir, ou antes, reunir filosofia e oratória, de fazer do *eloquens* novamente um *sapiens*, e vice-versa, pois, a eloquência ciceroniana exigia do orador não apenas o conhecimento dos preceitos técnicos dessa arte, impondo-o a tarefa de adquirir uma ampla cultura – a *omnium rerum scientia* –, saber universal pelo qual o autor quis aproximar o orador do filósofo.

O tema das relações entre retórica e filosofia reaparece, com grande ênfase, neste diálogo ciceroniano que se volta para a querela célebre na Antiguidade: a disputa entre a sabedoria dos filósofos e a eloquência dos retóricos. Os conhecimentos “sobre a vida, sobre os costumes e sobre as virtudes” foram tomados pela filosofia como exclusivamente de sua alçada e retirados do domínio da oratória, perfazendo a cisão entre os filósofos e os oradores, ou seja, entre aqueles que possuíam cultura filosófica (o conhecimento de todas as coisas) e os detentores de um saber técnico sobre o dizer. Para Cícero, esta cisão torna-se mesmo absurda, “pois se todo discurso constare assunto e palavras, nem podem as palavras ter uma sede se subtraíres o assunto, nem o assunto ter clareza se retirares as palavras.”<sup>4</sup> Deste modo, o objetivo do autor ao procurar dignificar a eloquência se pautava justamente pela reunião destes dois saberes – antes apartados pela crítica platônica à *ars rhetorica*<sup>5</sup> - propondo o equilíbrio entre as disciplinas que deveriam ser ensinadas aos futuros oradores. Apenas o conhecimento formal das regras, da escolha das palavras, da sua disposição nas frases (ou seja, da *elocutio*) não é suficiente ao orador, pois o orador ideal que ele pretende formar deve ter um conhecimento amplo sobre todas as coisas (*inventio*). Portanto, para Cícero, a elocução deve, por sua vez, ter apoio no conhecimento exato e completo das coisas<sup>6</sup>, e assim *elocutio* e *inventio* devem ser conjugadas sem prevalescências.

O surgimento das cidades-estados no norte da Itália a partir do século XII trouxe de volta, com suas novas instituições republicanas, o uso secular da oratória bem como suas intrínsecas relações com a filosofia. Do mesmo modo, essa prática esteve na

---

<sup>4</sup> Idem, III, V, 19.

<sup>5</sup> Platão afirma em obras como *Protágoras*, *Górgias* e *Fedro* que a retórica não é uma arte (*téchne*), negando-lhe em decorrência todos atributos de uma *téchne*, tais como a utilidade, a possibilidade de ser transmitida e o conhecimento de seu objeto. Além disso, a retórica foi ainda acusada pelo filósofo de dizer respeito apenas à opinião e não à verdade, de não possuir uma finalidade própria, de não ter um comprometimento moral e de manipular as emoções dos ouvintes. Cf.: Kennedy, G., *The art of persuasion in Greece*, p.323.

<sup>6</sup> Idem, I, XI, 49 – I, XII, 50.

origem da composição de tratados concernentes à teoria e à forma dos discursos públicos.<sup>7</sup> Assim, a geração de humanistas que seguiu-se a Salutati - chanceler da República de Florença entre 1375 e 1406 - esteve inteiramente convencida da necessidade de união entre sabedoria e eloquência, o que, para eles, significava a mais fecunda aproximação entre teoria e prática<sup>8</sup>. Não se trata, portanto, de assegurar somente o refinamento intelectual dos jovens, mas de prepará-los para o exercício da vida pública. Fama, glória e boa fortuna estavam à espera daqueles que na cidade e pela cidade utilizam seus talentos. A definição da excelência implica, assim, a habilidade na expressão aplicada aos afazeres cívicos. O homem ideal é, como havia afirmado Quintiliano (a exemplo de Cícero), o orador.<sup>9</sup> Essa perspectiva humanista encontra correspondência na nova organização política e social das cidades-república italianas, como por exemplo, nas assembleias políticas de Florença – as *pratiche* – onde a eloquência era fundamental, mesmo que essas assembleias tivessem apenas um caráter consultivo.

É justamente esta aproximação entre retórica<sup>10</sup> e política que ocorre em diversas cidades na península itálica, a partir do século XIV, o ponto central da investigação deste texto. Pretendemos assim, perceber a influência da retórica clássica (ciceroniana) nos escritos do chanceler florentino Collucio Salutati, bem como destacar os vínculos entre retórica e política entre fins do século XIV; sobretudo no contexto do momento intelectual que Hans Baron denominou de “humanismo cívico”<sup>11</sup>, ou seja, o “movimento” intelectual humanista caracterizado pela defesa do ideal republicano.

---

<sup>7</sup> Ver: KRISTELLER. *Rhetoric in medieval and Renaissance culture*, p. 239.

<sup>8</sup> SKINNER. *As fundações do pensamento político moderno*, pp. 109 e ss.

<sup>9</sup> QUINTILIANO. *Institutio oratoria*, II, 16, 12. Já no proêmio o autor afirmava que não bastava a eloquência para se atingir a excelência. O *vir virtutis* deveria ainda possuir outros atributos, como as virtudes já listadas pelos antigos. Todas elas, contudo, encontram-se ligadas, assim como a arte de falar, à atividade política.

<sup>10</sup> O termo *retórica* tem, em geral, dois significados. O primeiro, mais estreito, designa uma teoria do discurso persuasivo, que se oporia à eloquência, isto é, a prática. O segundo significado é mais amplo e recobre tanto a teoria quanto a prática do discurso persuasivo. Ver PERNOT. *La rhétorique dans l'Antiquité*, pp. 7-8. Utilizamos o termo, na maioria das vezes, na segunda acepção, reservando o termo *oratória* para a primeira acepção.

<sup>11</sup> Em seu conhecido livro *The crisis of the early Italian Renaissance*. Para uma discussão sobre as teses de Baron, ver BIGNOTTO. *Origens do republicanismo moderno*, especialmente o capítulo I e HANKINS (ed.). *Renaissance civic humanism*. Como os autores a que nos referiremos neste trabalho não podem ser todos incluídos no “humanismo cívico”, optaremos por utilizar a denominação geral de “humanista” ou “humanismo”.

O estreitamento do laço entre retórica e política resulta de um processo de revalorização da retórica que tem seu início no século XIV, e do qual uma das figuras emblemáticas é Petrarca - que defende com convicção a eloquência desvalorizada, de seu ponto de vista, pelos escolásticos medievais e pelos seus continuadores, os lógicos “modernos” contemporâneos do poeta. Assim como ele, humanistas posteriores, como ColuccioSalutati, Leonardo Bruni, PoggioBracciolini e muitos outros, dão mostra do lugar especial que a oratória e a arte da argumentação ocupavam no círculo dos homens letrados de Florença. Por essa razão, concordamos com Fumaroli<sup>12</sup> quando ele afirma que a retórica reencontra nesse período a função mediadora que possuía na Roma Antiga: "dar a tudo o que o homem sabe e mesmo aquilo que excede o seu saber uma forma e um sentido que o instrui e o torna menos impotente"<sup>13</sup>.

Em outros termos, a retórica transforma-se em meio de expressão e em arma de combate político. Um bom exemplo da utilização política da retórica, em Salutati, é a *Invectiva contra AntonioLoschi de Vicenza*. A carta – uma exaltação da liberdade florentina – apresenta alguns temas que serão cruciais para o pensamento republicano humanista (dentre eles o tópico da origem da cidade de Florença) seguindo procedimentos retóricos tradicionais como a “desvalorização do interlocutor” e a ironia. Sua função política era evidente: em um momento em que a cidade se encontrava sob a ameaça de ser invadida, a defesa da república no plano das idéias era tão importante quanto a guarnição de um exército.<sup>14</sup> Tratava-se, portanto, de apresentar uma imagem política de Florença como a defensora da “doce liberdade”. Na construção dessa imagem, Salutati se servia de um procedimento tipicamente retórico: o contraste, a oposição. Assim, o retrato de Florença é tão mais radiante e luminoso quanto for sombrio e obscuro o de Milão, cidade que vive sob governo tirânico e a qual Loschi havia colocado seus serviços à disposição.<sup>15</sup>

O vínculo entre retórica e política iria se estreitar ainda mais no pensamento de Leonardo Bruni, discípulo direto de Salutati e, como ele, chanceler da República

---

<sup>12</sup> FUMAROLLI, Marc. *L'Âge de laÉloquence*, 1º parte, capítulo 2. Cf.: também, do mesmo autor: *Histoire de laRhétoriquedansl'EuropeModerne*, pp. 191-257.

<sup>13</sup> FUMAROLLI, *Histoire de la Rhétorique ...*, p. 5.

<sup>14</sup> A respeito, ver E. Garin, “La Prose Latine du Quattrocento”. In: *Moyen Age et Renaissance*. Trad. de C. Carme. Paris: Gallimard, 1969, p. 95.

<sup>15</sup> Entre 1391 e 1406. A seu respeito, ver P. MAck, “Humanism Rhetoric and Dialectic”, art. cit., p. 84.



Florentina (entre 1427 e 1444). Segundo J. Seigel, sua atitude com relação à busca da eloquência sempre foi afirmativa e “sua fé na união entre eloquência e sabedoria foi incomparável,”<sup>16</sup> como podemos ver na carta que escreve à senhora Battista Malatesta de Montefeltro. E, como observa Witt, para Bruni, o orador deveria dedicar sua vida “a servir e preservar uma sociedade de homens livres através de sua formação e eloquência.”<sup>17</sup>

Essa acentuada “politização” do papel do orador será um dos traços que compõem a nova figura do humanista no *Quattrocento*. Assim, a leitura de textos como os de Salutati, Bruni e Maquiavel nos permitem constatar que o pensamento político republicano e a retórica estiveram efetivamente unidos no *Quattrocento*. Esse pensamento político, que deseja abertamente se diferenciar do pensamento medieval reatando com a tradição clássica, vai encontrar uma forma de expressão privilegiada no gênero retórico epidítico, isto é, o gênero do louvor e da censura. A *Invectiva* de Salutati pode ser considerada um exemplar do gênero, assim como a *Laudatio florentinae urbis* e a *Oratio in funere Iohannis Strozae equitis florentini* de Bruni. Uma vez que os humanistas, em sua maioria, ocupavam um cargo público, ou seja, estavam a serviço de uma comunidade (que era governada oligarquicamente), a utilização do gênero epidítico parece perfeitamente compreensível. Ao mesmo tempo em que pode servir como peça de propaganda, o panegírico pode aconselhar, pois, como esclarece Aristóteles, o elogio e o conselho são de uma mesma espécie. Se o conteúdo dos conselhos permanece o mesmo e se modifica apenas a forma, temos os panegíricos.<sup>18</sup> Assim, a *Laudatio* de Bruni (escrita provavelmente em 1404<sup>19</sup>) é simultaneamente um instrumento para a exposição de suas convicções republicanas, um conjunto de argumentos que serve para justificar o regime republicano e suas aspirações expansionistas e uma injunção aos

<sup>16</sup> J. Seigel, *Rhetoric and philosophy in Renaissance Humanism*, op. cit., p. 103.

<sup>17</sup> R. Witt, “Medieval ‘Ars Dictaminis’ and the Beginnings of Humanism”, art. cit., p. 35.

<sup>18</sup> “Uma vez então que nós sabemos quais ações devemos realizar e qual caráter devemos ter, é preciso mudar a expressão e convertê-la” (Aristóteles, *Retórica*, 1368 a, p. 64). Vertambém H. Mansfield, “Bruni and Machiavelli on Civic Humanism. In: J. Hankins (org.). *Renaissance civic humanism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000, p. 230. Sobre a relação entre os gêneros e o caráter persuasivo do panegírico, ver A. K. Varga, “Rhetoric, a Story or a System?” In: J. Murphy (org), *Renaissance eloquence*, op. cit., pp. 87-8.

<sup>19</sup> Para uma recente discussão acerca da data e do contexto histórico e ideológico da redação da *Laudatio*, ver J. Hankins, “Rhetoric, History and Ideology: The civic Panegyric of Leonardo Bruni”. In: *Renaissance civic humanism*, op. cit., pp. 143-78.

cidadãos e à classe governante de Florença para que mantenham a integridade do regime.

A proposta de estudos aqui apresentada visa aprofundar questões não debatidas, ou tratadas de forma insatisfatória, por historiadores como Q. Skinner, Victoria Kahn e Viroli, acerca da estrutura retórica de textos renascentistas e de sua relação com a política das cidades-república italianas. Como percebe Alcir Pécora, “o exame de procedimentos previstos e aplicados pelas convenções letradas”<sup>20</sup> torna possível definir “determinações convencionais e históricas constitutivas dos sentidos verossímeis”<sup>21</sup> de textos complexos, anteriores ao período romântico. Nesse sentido, este estudo, ainda recente no Brasil, permite delinear novas perspectivas sobre o período renascentista, bem como estimular novos pesquisadores a seguirem suas pesquisas nesta área; tão promissora e ainda carente de bons especialistas em nosso país.

### Referências Bibliográficas.

**BIGNOTO**, Newton. Origens do republicanismo moderno. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

**CHOMARAT**, J. *Grammaire et Rhétorique chez Érasme*, 2 vols, Paris, 1981.

**CÍCERO**. *De l'Orateur*. Paris: Les Belles Letres, 2002, 3 vols.

**CONLEY**, T. *Rhetorique in European Tradition*. New York, 1990.

**DELAUNOIS**, M. *Le Plan Rhétorique dans L'Eloquence Grecque D'Homère a Démosthène*. Belgique: Acad. Royale, Classe de Lettres, 1959.

**FUMAROLI**, Marc. *L'Age de l'Eloquence: Rhétorique et "res literaria" de la Renaissance au seuil de l'Europe Classique*. Paris: Presses Universitaires de France, 1999.

\_\_\_\_\_. *Histoire de la Rhétorique dans l'Europe Moderne: 1450-1950*. Paris: Presses Universitaires de France, 1999.

**GANDILLAC**, Maurice de. *La Pensée Encyclopédique au Moyen Age*. Montreux: Éditions de la Baconnière -Neuchâtel, 1966.

**GARIN**, Eugênio. *L'Éducation de l'Homme Moderne (1400-1600)*. Paris: Fayard, 1968.

\_\_\_\_\_. *Ciência e Vida Civil no Renascimento Italiano*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista/Unesp., 1996.

\_\_\_\_\_. “La Prose Latine du Quattrocento”. In: *Moyen Age et Renaissance*. Trad. de C. Carme. Paris: Gallimard, 1969.

<sup>20</sup> PÉCORA, Alcir. *Máquina de Gêneros*, p.12.

<sup>21</sup> Idem. *Ibid.*, p.11.



# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

- GRAY**, Hanna H. "Renaissance Humanism: The Pursuit of Eloquence" in: *Renaissance Essays*. Edited by Paul Oskar Kristeller and Philip P. Weiner. New York: University of Rochester, 1992.
- HANKINS**, "Rhetoric, History and Ideology: The civic Panegyrics of Leonardo Bruni". In: *Renaissance civic humanism*,
- KAHN**, Victoria. *Rhetoric, Prudence, and Skepticism in the Renaissance*. Ithaca: Cornell University Press, s/d.
- KELLEY**, D. R. *Foundations of Modern Historical Scholarship*. New York, 1970.
- \_\_\_\_\_. *Renaissance Humanism*. Boston: Twayne Publishers, 1991.
- KENNEDY**, Willian. *Rhetorical Normes in Renaissance Literature*. New Haven: Yale University Press, 1978.
- KENNEDY**, George A. *The Art of Persuasion in Greece*. London: Routledge and Kegan Paul, 1963.
- \_\_\_\_\_. *The Art of Rhetoric in the Roman World, 300 b.c - A.D300*. Princeton: Princeton University Press, 1972.
- \_\_\_\_\_. *Classical Rhetoric and its Christian & Secular Tradition: from Ancient to Modern Times*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1980.
- \_\_\_\_\_. *A New History of Classical Rhetoric*. Princeton: Princeton University Press, 1994.
- KRISTELLER**, Paul Oskar. *Studies in Renaissance Thought and Letters*. Roma, 1956.
- \_\_\_\_\_. *Ocho Filósofos del Renacimiento Italiano*. México: Fundo de Cultura Econômica, 1970.
- \_\_\_\_\_. *Tradição Clássica e Pensamento no Renascimento Italiano*. Lisboa: Edições 70, 1995.
- MANSFIELD**. "Bruni and Machiavelli on Civic Humanism. In: J. Hankins (org.). *Renaissance civic humanism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000
- MICHEL**, Alain. *Rhétorique et Philosophie chez Cicéron. Essais sur les Fondements Philosophiques de l'art de Persuader*. Paris: Presses Universitaires de France, 1960.
- MOSCA**, Lineide do L. S. (org.) *Retóricas de Ontem e de Hoje*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2004.
- PÉCORA**, Alcir. *Máquina de Gêneros*.
- PERELMAN**, Chaim. *Traité de l'Argumentation: la Nouvelle Rhetoric*. Paris: Bruxelles: Université de Bruxelles, 1976.
- PERNOT**. *La rhétorique dans l'Antiquité*.
- PINTO**, Fabrina Magalhães. *O Discurso Humanista de Erasmo: uma retórica da interioridade*. Tese de Doutorado, Departamento de História Social da Cultura. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro/PUC, 2006.
- POCOCK**, J. G. A. *Le Moment Machiavélien. La Pensée Politique Florentine et la Tradition Républicaine Atlantique*. Paris: Presses Universitaires de France, 1997.
- REBOUL**, Olivier. *Introdução à Retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- SEIGEL**, Jerrold E. *Rhetoric and Philosophy in Renaissance Humanism: the Union of Eloquence and Wisdom, Petrarch to Valla*. Princeton University Press, 1968.
- \_\_\_\_\_. "Ideals of Eloquence and Silence in Petrarch" in: *Renaissance Essays*. (Library of History of Ideas) New York: University of Rochester Press, 1983, vol. 2.
- SKINNER**, Quentin. *As Fundações do Pensamento Político Moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Razão e Retórica na Filosofia de Hobbes*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.
- WITT**. "Medieval 'Ars Dictaminis' and the Beginnings of Humanism.
- VARGA**. "Rhetoric, a Story or a System?" In: J. Murphy (org), *Renaissance eloquence*,

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
PRACEL